

ESCRITAS, DESDOBRAMENTOS, DEVORAÇÕES:
um devir sem fim

WRITINGS, OUTSPREADS, DEVOTATIONS:
an endless becoming

*Tânia Regina Oliveira Ramos
Jair Zandoná¹*

*ainda que me digam
que meu lugar é outro
eu bato o pé
no ritmo cardíaco
e crio raiz neste corpo
suas fronteiras
não podem delimitar
aquilo que é
território livre*

(Thalita COELHO, 2018, p. 95)

À epígrafe que abre este breve texto, poema de Thalita Coelho publicado em seu livro *Terra molhada*, queremos adicionar outra provocação, assertiva elaborada por Michel Foucault (2009 [1971], p. 22) ao definir o corpo como: “[...] superfície de inscrição dos acontecimentos (enquanto que a linguagem os marca e as idéias os dissolvem), lugar de dissociação do eu (que supõe a quimera de uma unidade substancial), volume de perpétua pulverização [...]”. Enquanto a voz poética feminina – e usamos voz intencionalmente por sua importância neste momento sócio-sanitário-histórico – rompe os limites convencionados, delimitados por lógicas e mecanismos que hierarquizam, que tentam mutilar, calar, diminuir, apagar. Bater o pé no ritmo cardíaco impulsiona para que este corpo poeticamente construído, na superfície da linguagem, crie raízes, seja território livre. Um parêntese: dissemos que usamos propositalmente voz poética para designar esse sujeito da escrita porque a voz, compreendida a partir dos dispositivos de gênero, pode ser tomada como efeito de verdade, de maneira a corresponder à norma socialmente aceita. Nesse sentido, conforme Nathália Müller Camozzato (2020), no tocante aos

[...] dispositivos de gênero a voz é açambarcada como um dos elementos performativos a serem recitados para o pertencimento ao/adequação do corpo generificado e deve corresponder à “verdade”, “natureza” de um sujeito, “verdade masculina” ou “verdade feminina”. (MÜLLER CAMOZZATO, 2020, p. 256)

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Dito de outra forma, e retomando Maria Consuelo Cunha Campos, “o *sistema gênero-sexo*, enquanto constituição simbólica sócio-histórica [...] através do qual uma realidade social se organiza, divide-se e é vivenciada simbolicamente” funciona como “prisma através do qual se lê uma identidade incorporada, *modo de ser no e de vivenciar o corpo*.” (CAMPOS, 1992, p. 111, grifos do original). O corpo é chave nesse processo, considerando as relações de poder, não apenas ao gênero, mas à raça, às sexualidades, à etnia, à geração, às deficiências, às classes, às identidades... – e aqui a crítica feminista negra merece destaque para fazer girar o caleidoscópio para além de uma “tradição literária feminina branca de classe média ou alta” (CAMPOS, 1992, p. 117) no que diz respeito, por exemplo, aos abalos necessários ao cânone literário²:

[...] nas sociedades ocidentais contemporâneas, sistemas gênero-sexo têm sido sistemas de dominação, sua utilização conceitual não pode ter apenas aspecto crítico, devendo tê-lo, também compensatório, isto é, de recuperação do excluído pela perspectiva dominante. (CAMPOS, 1992, p. 123-124).

Não basta mais suscitar uma estratégia compensatória, de recuperação dos discursos dos e das excluídos/as pela perspectiva dominante. Tal como lembra Grada Kilomba – também ela muito recentemente traduzida para nós –, o ato de escrita é ato político (a escrevivência de Conceição Evaristo) “[...] um ato de descolonização no qual quem escreve se opõe a posições coloniais, tornando-se a/o escritora/escritor ‘validada/o’ e ‘legitimada/o’ e, ao reinventar a si mesma/o, nomeia uma realidade que fora nomeada erroneamente ou sequer fora nomeada.” (KILOMBA, 2019, p. 28), de maneira a suscitar contranarrativas. Ir ainda além nesse giro pós-des-decolonial requer outras estratégias para que o *modo de ser no e de vivenciar o corpo*, alargando as proposições iniciais de Maria Consuelo Campos, não seja limitado ou circunscrito ao *cistema* (RODOVALHO, 2017) heteronormativo eurocentrado.

E *Terra molhada* é campo profícuo, fecundo para desestabilizar essas verdades, de uma pretensa “normalidade”, ao não corresponder à “verdade feminina” cisheteronormativa. Faz dos corpos dissidentes potência, potentes. É por essa senda que entendemos as muitas e múltiplas possibilidades que as produções literárias do/no século XXI têm suscitado: o campo da literatura como vetor de práticas e questões. Para tanto, tomamos alguns eixos temáticos como motivadores: Literaturas do/no século XXI: escritoras e escritores fora do eixo; Devorações – Literaturas e tantas trocas (globais): poéticas, vozes, (de)formas; As plataformas on-line e a construção de ficções digitais; Escritas de (r)e(s)istência – corpos, discursos, vozes, cartografias dissidentes; Devir sem fim – à margem enquanto potência criativa.

A nossa proposta foi, nesse exercício de aproximações e distanciamentos, de reunir pesquisas que considerem as produções literárias do século XXI, as motivações, trânsitos, interações, poéticas, formas, suportes, temas, linguagens. Se ao passo que a arte vai se modificando para assumir e/ou mobilizar outras possibilidades de existir e de resistir, é possível também perceber a perda e a especificidade de cada linguagem, uma vez que “[...]”

² Não parece redundante repetir, com relação ao cânone, a observação aguçada de Maria Consuelo Campos: “Cânon androcêntrico, modos ou estratégias de leitura androcêntrica geram um círculo vicioso: o que se ensina a leitura não é o ler textos, mas, em verdade, paradigmas, tendentes à reprodução canônica de outros textos androcêntricos e à exclusão dos demais.” (CAMPOS, 1992, p. 117).

música, literatura, cinema, teatro, performances, artes visuais, intervenções em espaços públicos ou design recorrem a novos formatos expressivos que esbatem progressivamente as especificidades de suas linguagens. Evidentemente, essas manifestações culturais, novas ou usuárias de novos suportes, requerem novas epistemologias para suas apreensões e análises.” (RESENDE, 2017, p. 8-9). Nesses intrincados processos criativos, num devir sem fim, o literário faz-se potência e contribui para as (r)e(s)istências, mobiliza outras vozes, outros gestos, outras marcas nos/por/através de corpos dissidentes. Daí que a capa que ilustra o número é tão significativa para nós: “*Así va el mundo*” Quino, criação de Mário César Coelho³, feita com nanquim, bico de pena, sobre papel Bamboo, Hahnemühle, 30x40cm, a quem agradecemos pela generosidade em compartilhar seu trabalho com as e os leitoras/es deste número.

Os eixos temáticos que nortearam nossas motivações permitiram não só uma multiplicidade teórica e crítica, mas possibilidades de aproximação de uma comunidade de pesquisadoras e pesquisadores universitários de diferentes níveis de formação e áreas de atuação. Literatura e identidades várias possibilitaram que os diversos textos, os vários modos de pensar o literário nos oferecessem formas de aproximação e distanciamento tão importantes em qualquer publicação e produção desse ano 20 do século XXI.

Assim Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira em “Sereias Bêbadas: metáforas corporificadas na obra de Adriana Varejão” reconhece a arte como veículo de significação e comunicação visual e o corpo como uma forma de identificação do feminino e do masculino. É no âmbito da representação artística que a análise se volta para o olhar estético da autora na captação da concepção dominante na poética do corpo feminino. Neste diálogo com a arte, Anna Viana Salviato, em “O Traço Neobarroco de Mana Bernardes” propõe uma leitura neobarroca dos poemas sonoros da poeta, designer, joalheira e artista visual. Diz a autora do artigo que o próprio corpo é parte do signo poético e se veste de palavras ao mesmo tempo em que as lê.

Com base no conto “Telhado quebrado com gente morando dentro”, da coletânea *Redemoinho em dia quente*, de Jarid Arraes, Duilio Fernandes Vieira traz a voz poética da escritora para pensar as estruturas sociais que ocasionam a violência contra a mulher e como a autora constrói esse realismo poético pelo protagonismo feminino. Nestas escritas de existência, Aline Veingartner Fagundes em seu artigo “Lésbicas que (não) saem do armário” analisa três contos de Natália Borges Polesso e procura mostrar como as narrativas escolhidas sugerem que, embora possam criar ambientes e dinâmicas próprias para encontrar um sentido de identificação e segurança, as mulheres lésbicas se veem forçadas a negociar com o que se convencionou chamar de *armário*.

O autor Michel Laub proporcionou um encontro entre duas leituras de (r)e(s)istência. Na primeira delas, intitulada “A poética do contágio em *O Tribunal de quinta-feira* de Michel Laub”, Marcio Markendorf e Marthina de Alexandri Baldwin nos traz a partir de um personagem soropositivo contemporâneo a perspectiva do hiv/aids – em minúsculas aqui, tal como nos provoca Herbert Daniel: “[...] uso a palavra em minúsculas para chamar a atenção para este significante que quer dizer muito mais do que a doença indicada com a sigla AIDS” (DANIEL, 1990, p. 31) – e sua inserção metafórica na paisagem literária do século XXI, tema não abordado no espaço da ficção literária canônica enquanto dispositivo metafórico na arte. Ao lado deles, uma segunda leitura sobre Michel Laub realizada por Ana

³ Mário César Coelho, vive em Florianópolis. Graduado em Arquitetura, tem mestrado e doutorado em História Cultural na UFSC, onde atuou como professor titular no Departamento de Expressão Gráfica no Centro de Comunicação e Expressão. Atualmente está focando sua atividade como desenhista e aquarelista. Realizou algumas exposições com destaque para “Paisagem Passagem: Uma Ponte em 30 dias”, no Palácio Cruz e Sousa. Alguns de seus trabalhos podem ser conferidos no site www.mccoelho.com.br e no Instagram @mccoelho.

Paula Vicente Carneiro, fruto de pesquisa sobre o autor orientada pelo Prof. Dr. Márcio Roberto Pereira, traz uma leitura de *O Diário da Queda*, ao buscar compreender o caráter indizível de memórias traumáticas, através do modo literário de narrar a transmissão de experiências entre gerações. Marcelino Freire é trazido por Guilherme Augusto da Silva Gomes em “Relações perniciosas: o uso dos ‘estranhos’ em *Nossos ossos...*” pela construção de personagens não-hegemônicas, com destaque aos “michês”, nomenclatura escolhida pela voz narrativa, e as dificuldades impostas aos sujeitos homoeróticos, gerando seu desprezo em relação aos “estranhos”. E não por acaso o “[...] romance está dividido em *Parte um* e *Parte outro*. Interessante jogo-efeito narrativo: Heleno parte sendo um de Sertânia e, novamente, parte outro (e com outro) de São Paulo. Modo de retomar literariamente as cisões e rupturas próprias do sujeito moderno e da representação do eu na vida cotidiana [...]” (MARKENDORF; ZANDONÁ, 2016, p. 196).

Estas narrativas e textualidades permitiram que os eixos temáticos se encontrassem também no artigo de Hayam Abdou Mohamed, intitulado “Claves para narrar lo insólito en la cuentística de Adolfo Bioy Casares y Roberto Bolaño” onde a análise dos contos escolhidos desvenda nas narrativas policialescas uma polifonia de vozes onde se revelam o medo, as incertezas, as angústias de um contexto político e social. Desse universal trazemos o artigo de José Carlos Mariano do Carmo, “O abuso sexual de meninos em *Três porcos*, de Marcelo Labes”, publicado em 2020, onde através da análise da trama e dos personagens é possível entender os recursos utilizados pelo autor do romance como possibilidade de denúncia e de sofrimento, muitas vezes silenciados, de crianças em espaços dos menos favorecidos. Com relação ao trabalho de Labes, sinalizamos que venceu o Prêmio São Paulo de Literatura, como melhor romance de ficção de estreia com seu *paraíso-paraguay*, lançado pela Caiapote Edições em 2019 (GABRIEL, 2020). Por sua vez, Rémi Assoumou Ngoua e Yanick Obame Nguema, por meio de um enfoque pós-colonial e da sociocrítica, em “Del compromiso sociopolítico en África y América. Lectura transversal de *Baabou roi y King kong palace*”, dá a ver, ao aproximar em sua leitura os dois textos, que o projeto de seus autores vai além da denúncia de contextos ditatoriais enunciados.

Estas distopias nos levam para outras devorações como a desenvolvida por Luana de Carvalho Krüger e Eduardo Marks de Marques no ensaio “A literatura distópica infanto-juvenil como um espaço para discussões fora do espaço acadêmico”. Com o subtítulo que dá destaque à “crise das humanidades e o papel do gênero literário distópico no Brasil”, o texto lança um olhar para o contexto político contemporâneo e a necessidade destas narrativas ocuparem um lugar transgressor na formação de jovens leitores e leitoras. Neste olhar sobre a realidade o artigo “O Incomum incomoda: reflexões e resistência sobre ‘Juntar os bois’ em uma escola”, de autoria de Jaqueline Imaculada Lopes, Cíntia Castro Monteiro e Heloisa Raimunda Herneck, apresenta uma experiência presencial com o Ensino Fundamental II traçando uma narrativa de reflexões, de reações afetivas, de conversas informais sobre mudanças de comportamento de jovens adolescentes no cotidiano de uma escola presencial.

A leitura para além da escola, traz o artigo “Comunidade Booktuber e sua relação com o incentivo à leitura”, de Diana Vieira de Oliveira Barbosa, Roberta de Fátima Martins e Tânia Regina Oliveira Ramos como uma tentativa de evidenciar (ou não) o impacto dos *booktubers* em seus espectadores, no que diz respeito ao incentivo via mídias tecnológicas de formação de leitoras e leitores contemporâneos no espectro literatura e sociedade. A arte como devir e as fronteiras borradas encerram o nosso número com o ensaio de Diego Kauê Batz, cujo título é “A escrita diarística de Ni Brisant e o contrato de leitura da literatura marginal”. Ao apresentar o gênero diarístico e a escrita de si tensionam o lugar da enunciação paulistano da cultura hip-hop do escritor baiano.

A Communitas neste número que se encerra em dezembro de 2020 quis ser um número histórico, dando espaço para pessoas e personagens, para aproximações e distanciamentos, para discursos institucionais e ao mesmo tempo marginais, como alternativas dissidentes em suas distopias do e para o século XXI, para as leituras e trocas, para ficções digitais, para escritas de resistência, para nos aproximar e para, como já escrevemos, esse devir sem fim. São possibilidades de ler – de fazer apreender – outros mundos, outras realidades, giros e torsões. São escritas e propostas de mundo – é sempre bom lembrar Luiz Bras (2011) – que, lidas em 2020, diferem muito daquele escritor pastoso – como é/era Bernardo, da crônica⁴ “A imortal quarentena” de Mia Couto, caracterizado como “[u]m escritor solitário em meio à pandemia” (COUTO, 2020, on-line) que se deixa prostrado à cama, não produz, ignora o que acontece com o mundo para além da janela de seu apartamento: “Confrontado com o vazio, desiste. Este vazio é diferente dos outros, que ele antes inventava na sua sempre fingida solidão”. As cortinas são mantidas fechadas até que convence sua empregada doméstica a voltar para cumprir seus afazeres, deixando os filhos, pegando condução, exposta ao risco, porque o patrão não sabia ficar sozinho: “Acho que estou a passar por uma crise distópica.”, explica à funcionária. Ao que nos parece, a crise que lhe acomete é ainda mais grave, pois “recusa estar perante a derradeira versão da realidade”:

E assim acontece nos restantes dias. Dona Esperança vai lavando a louça, engomando a roupa e aspirando o pó. Enquanto trabalha, a empregada canta e conta. E até os silêncios dela falam de uma vida que o patrão desconhecia. Enlevado, Bernardo vai tirando notas num caderninho. Aquilo que antes lhe parecia a encenação do Juízo Final surge agora como a tardia – mas secretamente tão esperada – visita da musa inspiradora. Talvez não chegue nunca a publicar. Mas ele sente que começou a escrever uma história com alma, com gente, com história.

Pela primeira vez, depois do início da quarentena, Bernardo acorda, abre as cortinas, contempla a rua e recusa estar perante a derradeira versão da realidade. (COUTO, 2020, on-line)

A recusa de Bernardo em lidar com a realidade confronta, justamente, o que as contribuições que este número suscitam a partir de quais limites e possibilidades de/para pensar o/s corpo/s que insiste/m e (r)e(s)xiste/m nos/entre os vários modos de pensar o literário, oferecendo formas de aproximação, de distanciamento e de devorações às experiências e existências (im)possíveis neste nosso 2020 do século XXI. E se iniciamos nossa reflexão retomando a definição foucaultiana do corpo como “[...] superfície de inscrição dos acontecimentos [...]” (FOUCAULT, 2009 [1971], p. 22), quanto à voz, neste momento, vale ainda um adendo final, do que diz respeito à enunciação corpórea (SOUZA;

⁴ E para o contexto atual, vale a pena a retomada da crônica de Mia Couto à luz das palavras de Lídia Jorge que, em entrevista sobre o lançamento do livro *Em todos os sentidos*, diz que “A arte da crônica é difícil fazer teoria sobre caso. Mas o que me parece é que é, sobretudo, uma incursão no domínio da atualidade, no tempo que passa, mas envolve a subjetividade de quem escreve. A crônica relata um tempo, mas permite que a perspectiva do olhar fique muito viva. Essa perspectiva é como uma porta aberta para um dado biográfico que se insinua e acaba por ser o que dá, ou não dá, originalidade à crônica. [...] A crônica de autor permite que essa subjetividade fique, que haja a alguma coisa parente do conto, não sendo conto; parente da notícia, não sendo nunca notícia; parente da nota histórica, não sendo nota histórica, mas tendo um pouco de tudo isso. Portanto, diria que é um género híbrido com forte assinatura de quem escreve.” (COSTA, 2020, on-line).

ZOPPI-FONTANA, 2020), as *lives* têm possibilitado que nos coloquemos em corpo, em voz, na gestualidade, na performatividade, na temporalidade do ato de enunciação quando apresentamos, divulgamos, atuamos nessas situações virtuais e falamos sobre nossas pesquisas, nossos interesses de investigação. Trata-se, como menciona Mónica Zoppi-Fontana, justamente ao participar de uma *live* em 29 de maio de 2020 (@linguisticaufsc), “[...] uma nova forma de se fazer essa prática de produção e de por em circulação a produção do conhecimento.”

REFERÊNCIAS

BRAS, Luiz. Crítica é cara ou coroa?. In: BRAS, Luiz. *Muitas peles*. São Paulo: Terracota, 2011, p. 122-126.

CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. Gênero. In: JOBIM, José Luís (org.). *Palavras da Crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 111-126.

COSTA, Maria João. Lídia Jorge sobre a pandemia: “Estamos espantados e não sabemos se esta lição vai servir para alguma coisa”. Entrevista. *Renascença*. 19 jun. 2020 às 13:04. Disponível em: <https://rr.sapo.pt/especial/197090/lidia-jorge-sobre-a-pandemia-estamos-espantados-e-nao-sabemos-se-esta-licao-vai-servir-para-alguma-coisa?fbclid=IwAR1zCjPiHvIjfdE9sSN4ksYA03Nkycva-kCM2ULVLd4ol3ZHyBeb-wic53Q>. Acesso em: 16 jul. 2020.

COUTO, Mia. A imortal quarentena. Mapeador de Ilhas. *Visão*. 22 abr. 2020 às 08h20. Disponível em: <https://visao.sapo.pt/opiniao/a/mapeador-de-ilhas/2020-05-22-a-imortal-quarentena/>. Acesso em: 16 jul. 2020.

COELHO, Thalita. *Terra molhada*. São Paulo: Patuá, 2018.

DANIEL, Herbert. “O primeiro AZT a gente nunca esquece”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 30 set. 1990.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 14. ed. Trad. de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009 [1971]. p. 15-37.

GABRIEL, Ruan de Sousa. Romances sobre a ditadura militar e a Guerra do Paraguai vencem Prêmio São Paulo de Literatura. *O Globo*, 09/12/2020 às 6h. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/romances-sobre-ditadura-militar-a-guerra-do-paraguai-vencem-premio-sao-paulo-de-literatura-24787953?fbclid=IwAR1qFdgEQcB0YcypXmBvg13OLMXiBCo-MyjHEEZByBjAv2TOKwSemy1fFGk>. Acesso em: 09 dez. 2020.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação*: episódios de racismo cotidiano. Trad. de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MARKENDORF, Marcio; ZANDONÁ, Jair. Duas margens esquerdas de um mesmo rio: uma leitura da poética marginal em *Nossos ossos*, de Marcelino Freire. *Cadernos de Estudos*

Culturais, v. 8, n. 16, p. 191-208, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/4241>. Acesso em: 05 dez. 2020.

MÜLLER CAMOZZATO, Nathália. Vozes dissonantes, gênero e heterotopia. *Porto das Letras*, v. 6, n. 1, p. 250-275, 17 abr. 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/8111>. Acesso em: 31 jul. 2020.

RESENDE, Beatriz. *Poéticas do contemporâneo*. Rio de Janeiro: E-galácia, 2017. E-book.

RODOVALHO, Amara Moira. O cis pelo trans. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 365-373, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2017000100365&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 02 nov. 2020.

SOUZA, Pedro de; ZOPPI-FONTANA, Mónica. Entre a tecnologia e o político: modos de subjetivação no governo em tempos de coronavírus. *Linguística Live*, @linguisticaufsc, 29 maio 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CAxT0bnjZmN/>, <https://www.instagram.com/tv/CAxTicHDI31/>, <https://www.instagram.com/tv/CAxQTunD78B/>. Acesso em: 25 out. 2020.

Submetido em dezembro de 2020
Aprovado em dezembro de 2020

Informações do(a)(s) autor(a)(es)

Tânia Regina Oliveira Ramos

Universidade Federal de Santa Catarina

E-mail: taniareginaoliveiramos@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2477-0419>

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1347288334988743>

Jair Zandoná

Universidade Federal de Santa Catarina

E-mail: jzandona@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4301-9436>

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4383670594527511>